

Prática pedagógica: Ação do professor para alunos surdos

Pedagogical practice: Teacher's action for deaf students

Práctica pedagógica: Acción docente para alumnos sordos

Recebido: 26/06/2023 | Revisado: 15/07/2023 | Aceitado: 28/07/2023 | Publicado: 01/08/2023

Rosemary Meneses dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1620-9653>
Faculdade de Ensino Superior de Parnaíba, Brasil
E-mail: rosemarymeneses2009@gmail.com

Dalva de Araujo Menezes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7708-4044>
Universidade Estadual do Piauí, Brasil
E-mail: dalva.araujophb@gmail.com

José Roberto Menezes dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1640-4141>
Universidade Federal do Piauí, Brasil
E-mail: jrobertoms34@gmail.com

Vanessa Carvalho da Silva França

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4479-9091>
Faculdade de Ensino Superior de Parnaíba, Brasil
E-mail: vanessa.csfranca@gmail.com

Karla Adriana Batista de Jesus

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2038-8124>
Faculdade de Minas Gerais, Brasil
E-mail: karla.abj14@hotmail.com

Silvia Maria de Oliveira Ribeiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0935-0309>
Faculdade de Ensino Superior de Parnaíba, Brasil
E-mail: ribeirosilviamaria714@gmail.com

Resumo

Propor procedimentos pedagógicos que despertem e construam uma aprendizagem significativa no âmbito escolar, em específico, na sala de aula, é uma questão que tem motivado pesquisadores a trazerem conhecimentos de como está acontecendo o dia a dia da classe com alunos Surdos ¹no ensino regular e quão o ensino pode ser mais acessível com a realidade de aprender do aluno. O artigo tem como objetivo mostrar as práticas pedagógicas dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental utilizadas com alunos surdos de uma escola municipal de Tutóia-MA. A pesquisa foi um relato de experiências numa turma de 3º ano, vespertino, de forma descritiva, qualitativa, observações e a construção de um diário de bordo. Com os dados encontrados, a professora no começo apresentou muitas dificuldades, tendo que buscar ajuda dos professores de Libras atuantes na secretaria de educação do município. Contudo, esta foi orientada a fazer um curso sobre como utilizar materiais visuais e recursos reais, como jogos de encaixe, imagens, material de sucata (tampas, palitos, sementes) e desenhos feitos no quadro branco dos assuntos propostos, e outros materiais. Pode-se afirmar que, com a aquisição da professora de recursos didáticos para a sala de aula, o aluno começou a desenvolver habilidades de leitura, escrita, cálculos e outras competências necessárias para a sua autonomia pessoal e social.

Palavras-chave: Prática educativa inclusiva; Aluno surdo; Libras.

Abstract

Proposing pedagogical procedures that awaken and build meaningful learning in the school environment, in particular, in the classroom, is an issue that has motivated researchers to bring knowledge of how the day-to-day life of the class with Deaf students in regular education is happening and how teaching can be more accessible with the student's learning reality. The article aims to show the pedagogical practices of teachers in the early years of elementary school used with deaf students at a municipal school in Tutóia-MA. The research was a report of experiences in a 3rd year class, in the afternoon, in a descriptive, qualitative way, observations and the construction of a logbook. With the data found, the teacher at first presented many difficulties, having to seek help from Libras teachers working at the municipal education department. However, this was oriented to take a course on how to use visual materials and real resources, such as fitting games, images, scrap material (caps, toothpicks, seeds) and drawings made on the whiteboard of the proposed subjects, and other materials. It can be said that, with the acquisition of didactic resources for the classroom by the teacher, the

¹ O termo Surdo com a letra "S" maiúscula será usado como uma forma de reconhecimento de uma pessoa que possui identidade, cultura e tem capacidades de desempenhar seu papel na sociedade de forma integral.

student began to develop skills in reading, writing, calculations and other necessary skills for his personal and social autonomy.

Keywords: Inclusive educational practice; Deaf student; Libras.

Resumen

Proponer procedimientos pedagógicos que despierten y construyan aprendizajes significativos en el ambiente escolar, en particular, en el aula, es un tema que ha motivado a los investigadores a acercarse al conocimiento de cómo es el día a día de la clase con alumnos Sordos en la educación regular, sucediendo y cómo la enseñanza puede ser más accesible con la realidad de aprendizaje del estudiante. El artículo tiene como objetivo mostrar las prácticas pedagógicas de los profesores en los primeros años de la escuela primaria utilizadas con estudiantes sordos en una escuela municipal en Tutóia-MA. La investigación fue un relato de experiencias en una clase de 3° año, por la tarde, de forma descriptiva, cualitativa, observaciones y la construcción de una bitácora. Con los datos encontrados, la maestra en un primer momento presentó muchas dificultades, teniendo que buscar ayuda de los maestros Libras que trabajan en la secretaría de educación municipal. Sin embargo, este estuvo orientado a realizar un curso sobre cómo utilizar materiales visuales y recursos reales, tales como juegos de encaje, imágenes, material de desecho (gorros, palillos, semillas) y dibujos realizados en la pizarra de los temas propuestos, y otros materiales. Se puede decir que, con la adquisición de recursos didácticos para el aula por parte del docente, el alumno comenzó a desarrollar habilidades en lectura, escritura, cálculo y otras habilidades necesarias para su autonomía personal y social.

Palabras claves: Práctica educativa inclusiva; Alumno sordo; Libras.

1. Introdução

Refletir a educação inclusiva na perspectiva de dar vez e voz a todos os alunos em um mesmo espaço onde a diversidade de aprendizagem tem se apresentado de maneira mais intensa na contemporaneidade, em específico a presença do Surdo, é oportuno compreender as implicações de planejamento, execução e avaliação que possam inovar procedimentos metodológicos e atuações do professor no ato do ensino aprendizagem. Para tanto, Almeida (2015) & Quadros (2017) afirmam que na construção de uma sociedade mais igualitária, a escola como um dos primeiros contatos sociais da criança, deve proporcionar esta primeira inclusão, desvendando saberes que fundamentem a presença da diversidade de sujeitos, com habilidades e competências distintas umas das outras, mas todas importante para a valorização individual de cada aluno.

Sabendo da importância da educação, que não se limite apenas a cumprimento legal, mas pelo sentimento de ver o aluno como ser humano, com capacidades, dificuldades, e competências a serem desenvolvidas, o sistema educacional necessita se organizar, proporcionar práticas pedagógicas viáveis ao anseio de aprendizagem dos alunos em todas as etapas e modalidades de ensino. Desta maneira, o artigo traz o questionamento sobre como as práticas pedagógicas podem beneficiar o processo de aprendizagem do aluno Surdo em sala de aula do ensino regular?

Deste modo, serão abordados os processos de inclusão mediante a postura do professor no atendimento de alunos surdos em uma sala de aula regular, suas práticas metodológicas e as condições adversas que sucedem na interação - comunicação professor e aluno, ausência de familiarização com a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Sem deixar de apresentar os equívocos acerca das práticas de inclusão vivenciados nas escolas, não considerar o aluno surdo como qualquer outro pertencente a turma, como empecilho na aprendizagem dos demais alunos, necessidade de socializá-lo da forma correta, respeitando sua forma de comunicação, justificando dessa forma também, o aumento da literatura que aborda essas questões que objetive amenizar esses entraves (Mantoan, 2017).

A pesquisa teve como objetivo mostrar as práticas pedagógicas dos professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental utilizadas com alunos Surdos no ensino regular de uma escola do município de Tutóia-Ma, já os objetivos específicos consistem na busca de conhecer os processos metodológicos para benefício do aluno Surdo em seu processo de socialização e aprendizagem; entender como o professor compreende o ensino inclusivo em relação ao aluno com surdez e analisar os processos de formação e práticas inclusivas de aprendizagem para os Surdos.

O artigo se deu através de abordagem qualitativa, com caráter descritivo, por meio de aplicação de observações, com relatos de experiências no âmbito escolar, não tendo participação do investigador, pois a intenção é trazer o processo de ensino

mediante a prática pedagógica do professor em seu dia a dia frente a diversidade de aprendizagem do aluno surdo na escola da rede pública da cidade, em seguida foram realizadas as relações correspondentes entre os dados colhidos in lócus e o material bibliográfico que trata da temática em questão. Para fundamentar os dados colhidos, manteve-se o diálogo com Silva e Oliveira (2016); Mantoan (2017); Quadros (2017); Alves et al. (2017), Fernandes e Freitas-Reis (2020), dentre outros.

2. Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida a partir de estudo de caso em uma escola da rede municipal de Tutóia – MA, do terceiro ano do Ensino Fundamental dos anos iniciais, a escolha por esta etapa se deu por acompanhar uma professora em um curso de formação continuada em Libras e pelo aluno fazer parte do atendimento especializado com os professores da língua brasileira de sinais da rede pública.

O estudo traz relatos de experiências no cotidiano educacional do aluno e da prática pedagógica do professor do ensino regular do aluno surdo e sua aquisição de conhecimentos junto a alunos não surdos. Para retratar os dados os pesquisadores fizeram uso da pesquisa qualitativa, segundo Menezes (2019, p. 29) “possibilita tanto a compreensão como interpretação do fenômeno, “considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica”.

Houve também observações no espaço escolar e no atendimento especializado, sendo dividido dias e horários no turno matutino, ficando sempre a presença dos pesquisadores a partir das nove às onze horas. Além das observações foi construído um diário de bordo, com intuito de não perder as informações coletadas e assim poder fundamentá-las com as leituras de materiais já publicados em sites da CAPEs, Google Acadêmico, livros e revistas.

Todos os dados foram transcritos de caráter descritivo, que Segundo Gil (2017) esta forma de pesquisa procura apresentar a atitude, opinião e crenças de uma população. Com o cunho de discorrer sobre um assunto, executada mediante o procedimento técnico de observações, ressalta-se que os pesquisadores tiveram maior cautela durante a coleta e o processo de análise dos mesmos, deste modo teve como teóricos Quadros (2017); Santos (2021, 2022); Oliveira (2016); Alves, Leão e Agapito (2017); Moreira (2018) e Vieira; Molina (2018), todos tratam da inclusão do aluno com surdez e atuação pedagógica dos professores. E, em seguida, foram feitas as devidas associações entre os dados coletados e a leitura do material bibliográfico que trata da temática em questão.

3. Resultados

Nesta etapa os resultados foram encontrados de acervos já publicados, sendo dialogadas com pensamentos diversos de autores que discutem a inclusão, desafios da permanência do aluno Surdo, vivências práticas do professor em sala de aula e a vida acadêmica do Surdo no âmbito educacional. Menciona-se também, a escolha por tópicos com intuito de oportunizar maior clareza e tornar mais prazerosa a leitura sobre a temática.

3.1 Educação inclusiva e a prática pedagógica de professores: desafios da inclusão de alunos surdos

Considerando a relevância que as práticas pedagógicas dos professores têm para o aluno Surdo, afirma-se que são significativas para a sua formação, não somente na aquisição de conteúdo, mas também para seu desenvolvimento integral, trazendo para a escola uma proposta de educação inclusiva, em que o aluno é sujeito de sua aprendizagem, tendo na Libras sua principal forma de comunicação. É necessário que a ação docente deva acontecer de forma mediadora na aprendizagem, tenha em sua formação a Libras e como língua que deve ser expressada em sala de aula.

3.1.1 Educação Inclusiva

Conforme a concepção de Matoan (2017), a inclusão tem como base uma "filosofia" que abraça a heterogeneidade do corpo social, democratizando o acesso e oportunidades a todas as pessoas e grupos sociais, tornando-se causa da desmarginalização e agregação, em que o indivíduo com características peculiares seja aceito, fazendo parte de um todo na participação e interagindo de sua forma com todos ao seu redor, ou seja, incluir significa tornar alguém a fazer parte.

Trazendo mais contribuição sobre a inclusão Mantoan (2017, p. 39), aduz: "inclusão: a diferença de todos nós, seres singulares, que não se repetem que nos constituímos em um devir, em um vir a ser, cuja diferenciação se prolifera, se multiplica, é ilimitada". É significativa a conscientização do outro e suas características. Quando se trata de educação, as escolas necessitam que o aluno seja considerado como parte do meio, onde suas necessidades sejam atendidas de forma que não prejudique a aprendizagem e interação com os demais. Dessa forma, um aluno com necessidades educacionais especiais, deve ser atendido no âmbito escolar de maneira que supere o preconceito e lhe veja como pessoa que está ali presente, para aprender e se relacionar com os demais alunos e fundamentalmente com o professor da turma.

Incluir, portanto, transcende o integrar, já que apesar da entrada desses alunos à escola, sua permanência depende da interação, acessibilidade e vida acadêmica ativa resultante das práticas educativas que alcancem a todos, independentemente de seu modo peculiar de aprendizagem. Entretanto, para Souza (2021), a inclusão não está apenas sob o professor que deve conter uma bagagem mitológica e matérias para desenvolver neste aluno o processo de aprendizagem, mas quando se compreende e pratica o movimento pela inclusão, almeja-se a construção de uma sociedade compromissada com as classes vulneráveis, que valorize a diversidade humana, respeite a dignidade de cada indivíduo, a igualdade de direitos e oportunidades e o exercício da cidadania.

Para Soares (2015); Mantoan (2017); Santos et al. (2021), promover a educação inclusiva não se atém somente com atos legais, e sim, com atitudes de praxes para efetivar o compromisso de transformar a sociedade injusta e excludente, em uma sociedade igualitária e com equidade. Tendo o conhecimento de políticas públicas que a cada dia trazem um novo olhar à educação inclusiva e sua forma de acolher e promover a permanência de todos com condições de oportunidades segundo as necessidades de aprendizagem no âmbito escolar, traz-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB, lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 que mostra em seu escopo as diretrizes de estruturar o modelo de educação inclusiva com uma visão holística do ato de ser e agir diante da diversidade: "Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades; (...)" (Brasil, 2022, p. 23).

Professores com habilidades e competência em sua ação de ensinar são fundamentais, por isso se fazem necessárias capacitações que lhes permitam desmitificar e transformar dia a dia o ato de ensinar, tornando esta ação de qualidade e equidade no atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais. Contudo, a inclusão também se dá por meio do apoio de toda a comunidade escolar, pais, demais alunos, diretor, funcionários, em que esta rede de apoio possa realmente trabalhar propostas que não fiquem apenas no âmbito escolar, mas também na sociedade.

3.1.2 Inclusão de alunos com surdez: os desafios da escola

Quando mencionar o papel das escolas e estas venham com propostas pedagógicas de inclusão, a pesquisas de Santos et al., (2021) na publicação sobre desafios do ensino de Ciências para alunos surdos, apresenta que há uma escassez enorme de escolas regulares prontas para receber o aluno com surdez. Por ser este, parte de uma minoria da população, a instituição de ensino não se vê preparada para lidar com este público, que não se comunica da mesma forma que os demais alunos, mas que tem os mesmos direitos de aprender. Nesta perspectiva, a escola é obrigada legalmente a recebê-lo e incluí-lo, o que exige um

preparo a mais do corpo docente e uma reorganização do seu currículo e metodologias de ensino. Segundo Santos et al., (2021, p. 08) “há carência das escolas em respeitar a diversidade de seus alunos em seu ato de aprender”.

Como mencionado anteriormente, Santos et al., (2021) os professores em grande parte seguem o mesmo regime de comunicação e metodologias, se expressam oralmente e usam como base de suporte material a lousa e pincel, indo de encontro ao que a escola disponibiliza para este professor com mais frequência, não considerando as especificidades do aluno surdo e sua forma diferenciada de comunicação, direcionando seus ensinamentos somente para ouvintes, deixando de lado o aluno com surdez, que provavelmente não vai ao encontro do que o professor propôs ou simplesmente nem tentam executar as tarefas em sala de aula, ficando à parte do processo ensino aprendizagem.

Continuando o pensamento dos autores Santos et al., (2021, p. 2) em sua pesquisa os desafios do ensino de Ciência para surdos, relatam: “para promover a aprendizagem, o professor como base direta nesta ação, precisa conhecer, compreender desconstruir metodologias que em muitos momentos podem não ser coerentes com a necessidade do aluno, em especial quando seu aluno é surdo”. O aluno surdo caracteriza um sujeito diferente para o meio, que por ser um sujeito plural de diretos, deveres e necessidades, a escola tem que abrangê-lo, levando em consideração suas especificidades de comunicação assim como discorre Santos et al., (2022): o ensino planejado a discentes surdos deve aceitar sua singularidade perpassando todas as etapas, modalidades de ensino da Educação, iniciando nos primeiros anos escolares da criança até atingir o nível superior.

Com isso, os aspectos histórico, cultural, linguístico e social precisam ser parte da prática de ensinar, na concepção que uma educação pensada e direcionada a promover a aprendizagem, não exime as experiências pessoais dos estudantes, pois, elas podem inovar práticas pedagógicas ao professor no espaço escolar e aos demais envolvidos na arte de ensinar. Considerando o aluno surdo com a sua própria bagagem de conhecimentos extras escolares, Moreira (2018) fala que o Surdo vai para a escola, não apenas para ver e ser visto, ou seja, interagir somente, vai em busca de mais, não apenas para serem alfabetizados, mas também para usufruir de conhecimentos e subsídios que lhes permitam ingressar no mercado de trabalho e na sociedade. Fica firmada esta concepção na Declaração de Salamanca (1994):

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas, com deficiência, superdotadas; que vivem nas ruas, nômades; minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas (Declaração de Salamanca, 1994, p. 17-18).

Dessa forma, não se deve tratar o aluno surdo, como um aluno incapaz, pelo contrário, sua singularidade de sujeito necessita ser compreendida e aceita nos mais diversos espaços e serviços da sociedade, especificamente no ambiente escolar. Pois é por meio disso, que terá condições de ampliar seus conhecimentos e será capaz de transformar sua vida social, resgatando-lhe dignidade e equidade, tornando-o um ser pertencente. Em conformidade com as premissas legais, a escola regular deve ser um espaço onde esses sujeitos/estudantes/cidadãos com perda auditiva são protagonistas, junto com seus amigos e seus professores, no processo contínuo de troca de experiências e saberes em prol da aprendizagem.

3.1.3 Educação Bilíngue: práxis educativa dos professores junto a alunos com surdez

Compreender o verdadeiro sentido da educação para todos, coloca o sistema educacional a repensar novas alternativas de como oferecer o ensino e aprendizagem que não elimine as capacidades de aprender de seu alunado. É nítido que a presença da diversidade individual no processo de aprendizagem é marcante em sala de aula em todas as etapas e modalidades, na qual as escolas devem desconstruir e construir novas perspectivas de ensinar.

A despeito das modificações que vêm acontecendo, Santos et al., (2022, p. 06) mencionam “que desempenhar um ensino e este seja coeso a turma e individualidades de aprendizagem, as práxis inclusivas para surdos exigem a utilização da língua sinalizada, unida ao português, em que ambas são significativas e, trazem resultados expressivos”. Significa que o bilinguismo

é uma forma de ensino que pode favorecer melhor oportunidade de aprendizagem, dando ao aluno condições de se apropriar dos conhecimentos formais ofertados pelas escolas, tendo o professor como fonte essencial na mediação.

Segundo Quadros (2017) a educação bilíngue deve constar no mínimo duas línguas no âmbito da educação. Ao considerar que, para que haja uma educação que envolva duas línguas, e que estão entrelaçadas, é um dever político-pedagógico que na opção de ofertar a educação bilíngue, a instituição educativa estará a assumir a política linguística na qual será permitida a existência de duas línguas no ambiente escolar, e mais, também terá que definir a ordem de prioridade das línguas, e seus respectivos encargos na esfera escolar. Levando a escola a refletir de quais formas educativas e didáticas estarão dispostas as línguas para os alunos, a considerar também as outras ações da escola.

Moreira (2018), Vieira e Molina (2018), podendo estarem perpassando pelas práxis da escola, as línguas, podem ser ofertadas como tema de estudo em momentos distintos, isso vai depender da escolha feita pela escola. Dependendo de “como”, “onde”, “quando” e “de que forma” as crianças usam as línguas dentro no ambiente escolar. Com a interferência na utilização, de qual é a língua mais utilizada por estes quando não estão no seio escolar.

Para Vieira e Molina (2018, p. 19) “o bilinguismo é muito mais do que a exposição a duas línguas: é parte de um projeto maior de empoderamento do surdo e propicia que o papel da escola seja cumprido na construção de conhecimento e na constituição autônoma dos estudantes”. Fica evidente que ainda necessitam ser percorridos alguns passos para tornar realidade esse projeto educacional, visto que os professores e os sistemas de ensino são coagidos a adotar concepções e condutas enrevesadas nas instituições de ensino, em que pautam a surdez como deficiência e fator responsável pela incapacidade de domínio da língua portuguesa segundo as exigências da escola.

Para Mafort e Ramos (2019), a visão incorreta a respeito do aluno surdo e o ímpeto da “política nacional de inclusão”, tem forçado esses estudantes a terminarem os estudos em escolas onde o ensino é oferecido em língua portuguesa, com escassez de adequações curriculares que respeite e valorize a identidade surda, havendo também a carência de profissionais capacitados e/ou que garantam suporte ao atendimento, pois, apesar de legalmente deferida, esses e outros fatores implicam em empecilhos para a efetivação irrestrita da educação bilíngue.

Uma outra delas e talvez a mais importante, consiste nas práticas de ensino utilizadas pelos educadores em sala de aula, já que estes, detêm atribuições fundamentais no processo de ensino-aprendizado inclusivo da criança surda, que para Almeida (2015) requer por parte da escola e professor planejar práticas pedagógicas de forma que reconheçam a presença do aluno surdo e atendam suas características linguísticas e culturais. Salienta também que o educador precisa entender que ele está de frente a uma pessoa, e como tal, com singularidades distintas no modo de aprender, é importante compreender que não se ensinam apenas as disciplinas, mas está mediando conteúdos e saberes que levarão o aluno ao modo de ser e estar no mundo, com habilidades e competências de se sobressair à realidade e à convivência social.

Ter o acesso a sua língua materna (Libras) e aprender simultaneamente a língua portuguesa como segunda língua, oferece ao aluno a oportunidade de ser instruído nos assuntos pertinentes ao longo de sua vida acadêmica, de maneira coletiva, além de viabilizar momentos de interação entre a turma e o aluno com surdez, desenvolvendo de modo satisfatório a educação bilíngue. Para o estudante surdo, ter na escola as duas línguas é relevante, porém o português se tornará basilar apenas quando essa imbuir-se de algum significado na língua de sinais. Neste sentido é preciso que o professor reveja sua postura de ensinar em relação à escrita do surdo, buscando desenvolver práticas pedagógicas que considere a concretização da educação bilíngue. Afirmando o exposto “faz necessário que os sistemas de ensino preconizem, em suas instituições escolares, uma inclusão que tenha por base uma aprendizagem respaldada na educação bilíngue validando o processo de apropriação da identidade surda” (Silva, 2020, p. 5).

4. Discussões

Nesta etapa, a pesquisa esboça, de forma criteriosa e em categorias os dados adquiridos, fazendo reflexões a respeito das práticas pedagógicas do professor diante ao processo de ensino e aprendizagem ao aluno surdo, como também, o papel docente para uma educação inclusiva que desmitifique práxis não condizente com as características de aprender de alunos linguisticamente distintas ao contexto majoritário de estudantes não surdos. Desta forma segue a seguinte categoria:

4.1 Concepção predominante acerca da inclusão

Porque trazer a indagação de como está sendo vista a inclusão em espaço educacional, por saber que trabalhar o processo de transformação educativa no contexto da sala de aula que almeje cidadãos críticos e participativos na sociedade é necessário por parte de todos que compõem a escola saber o real significado de incluir. Pois com estes conhecimentos, tanto a instituição como seus profissionais juntarão experiências que engrandecerão a sensibilidade humanista e pedagógica de atender a todos sem distinção se são alunos surdos ou não. No entanto, “cabe à escola repensar a nossa sociedade e possibilitar a construção efetiva de recursos e estímulos cognitivos, visando potencializar a produção de melhores respostas às questões sociais enfrentadas nos espaços educacionais” (Hora Correia & Neves, 2019, p. 3).

Ao se considerar que, para haver efetivamente uma inclusão em sala de aula, todos devem gozar dos mesmos direitos e deveres de aprendizagem, e é nessa parte do ambiente escolar, que o professor como mediador do processo de aprendizagem, deverá elaborar propostas pedagógicas que incluam o aluno surdo, (Alves et al., 2017). Assim, nas observações e relatos não formais, a professora fala da inclusão como se fosse algo ainda não presente, pelo fato do poder público não cumprir com a sua obrigação, na garantia de direitos básicos como, por exemplo, um intérprete ou auxiliar. No entanto, fica claro que ela acredita que essa realidade pode mudar, pois mencionou que a sociedade já ultrapassou a fase da integração e este é um bom resultado para o futuro.

Ainda foi observada nas frases citadas pelos demais profissionais sobre a inclusão de discentes surdos nas escolas, a necessidade de mais profissionais de apoio, uma delas o Intérprete de Libras, um profissional com função essencial na transposição de uma língua à outra. A escassez deste profissional, provoca barreiras linguísticas à interação, aprendizado e inclusão do aluno junto a todos. De acordo com Quadros (2017), o intérprete tem papel importante na interação comunicativa sociocultural do sujeito surdo, reforçando que o educador, em ação conjunta com os profissionais dos diferentes espaços escolares, tornar-se-á capaz de substancializar essa proposta de educação inclusiva.

É notório nas palavras dos profissionais, em especial, do professor, o reconhecimento de como uma educação pode favorecer mudanças significativas a cada aluno, quando a estrutura educativa não se exime em oportunizar um currículo que respeite a diversidade, estando garantido na proposta pedagógica de cada escola. Contudo, todos corroboram da importância da educação inclusiva, mas que há necessidade de todos que compõem o contexto educativo: família, comunidade e sociedade reverem os fatores que têm causado a não presença de prática inclusiva, envolvendo os aspectos físicos, pedagógicos, humanos e formação inicial e continuada em todos os níveis de ensino dentro do processo de aprendizagem ao longo da vida. Para Silva e Oliveira (2016) quando se fala do papel da inclusão, abre-se a oportunidade de mudanças e estas, transformam as concepções de preconceitos diante do ser diferente.

4.2 Prática pedagógica inclusiva

Decerto que uma prática pedagógica inclusiva proporciona uma aprendizagem igualitária e com equidade, com condições e oportunidades que percebam e trabalhem as habilidades e potencialidades individuais de cada estudante e não eliminando-as. Afinal, todos dentro das suas individualidades são capazes, possuem habilidades e as desenvolvem de maneiras diferentes uns dos outros. Assim, no contexto observado foram notadas aulas com recursos pedagógicos visuais, a utilização de

momentos com a sinalização da língua de sinais realizada pela própria professora, atividades coletivas de sinalização com temas específicos nas duas línguas: a libras e o português e atividades lúdicas envolvendo o trabalho coletivo em libras, além de terem alguns momentos rodas de conversas sobre a conscientização do ser diferente e sua relevância no mesmo espaço escolar. Completando o entendimento, a Base Nacional Comum – BNCC mostra que: “as Secretarias de Educação, o planejamento do trabalho anual das instituições escolares deve levar em consideração a necessidade de superação das desigualdades. Para isso, devem se planejar com um claro foco na equidade, que pressupõe reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes” (Brasil, 2018, p. 15).

Significa que não se admite planejar o currículo que deixe de fora a diversidade, tendo como finalidade eliminar as desigualdades de condições pedagógicas e humanas e, ainda, que valorize as diferenças no mesmo espaço escolar. Precisando de práxis desempenhadas em momentos organizados, foi notado o quanto a turma se envolvia e gostava de estar aprendendo junto ao aluno outra língua diferente da sua. Nesses momentos percebeu-se que trabalhar a educação inclusiva é possível, quando o olhar é direcionado à aprendizagem, eliminando de sua concepção preconceitos a respeito de o sujeito, diferente linguisticamente, não aprender. O uso, pela professora, de materiais visuais trazendo a Libras e o português, revelava novos saberes e estes atraíam os alunos de forma recíproca e dinâmica, fazendo todos aprenderem com indagações e ensinando os colegas que apresentavam dificuldades na execução dos sinais.

A importância de um planejamento direcionado a todos, respeitando a diversidade faz toda a diferença, pois rompe a barreira que em diversos momentos está intrínseca no sujeito que ensina, aqui menciona o professor e demais profissionais que atuam diretamente com estes alunos, em ter um olhar holístico sobre a pessoa, como ser aprendiz, com habilidades e competências, apta a dividir experiências distintas e ricas em conhecimentos que contribuam para o ensino aprendizagem (Oliveira et al., 2020).

Para Caroline et al., (2020), é sabido que a forma de aprender do Surdo vem pelo órgão visual, sendo este a entrada para aquisição dos saberes formais e informais. A escola, sala de aula precisam enriquecer o ambiente em seu modo de percepção do mundo que o cerca. Com isso, as salas de aula pesquisadas traziam tanto informações em português como também visual, as quais promoviam aos alunos possibilidade de todos os dias praticar e aprimorar o aprendido de forma bilíngue. Ressalto que a professora não tem pleno domínio da Libras, mas seu compromisso direcionada ao aluno Surdo, fez ela buscar ajuda em curso de formação em Libras e dialogar com os profissionais da equipe multidisciplinar do município sobre como executar praxes que atendessem as necessidades do aluno.

Com esta iniciativa, sua turma estava realmente desmitificando concepções errôneas a respeito dos alunos com deficiência ou com forma de falar linguisticamente distinta, de acreditarem que o aluno, por ter a perda da audição, não consegue aprender junto aos alunos ouvintes. Um ponto que nos chamou atenção foi a atuação da gestão da escola em proporcionar apoio pedagógico à professora, ao trazer para a sala de aula orientações de profissionais especializados na Língua de Sinais. Com este engajamento, as aulas tiveram, dentro do seu planejamento, objetivos que atendiam as singularidades de aprender do aluno. Conforme aponta Fernandes e Freitas Reis (2020, p. 34) em se tratando dos Surdos “nós educadores, precisamos estar atentos e preocupados com as particularidades do ser surdo e sua cultura”. Só assim o aluno terá as possibilidades de aprender a aprender.

Todas as estratégias, recursos didáticos e acompanhamento à professora de como elaborar as atividades e demais propostas diante do aluno com surdez, acelerou este processo de mudanças na turma, o aluno que ainda não dominava o código alfabético, números, leitura e escrita, no prazo de três meses, começou a apresentar habilidades de juntar letrinhas, formar palavras e fazer leituras simples, seguindo a norma culta da língua portuguesa. Sem contar que na área da matemática o seu raciocínio lógico está sendo desenvolvido conseguindo resolver questões do cotidiano, aprendeu a contar até 80, além de realizar continhas de adição e subtração com dois e três números. Nesta direção Candau (2008 *apud* Tostes, 2020, p. 545), quando a escola tem um olhar para as diferenças “em seus diversos trabalhos pensando as culturas, defende uma educação intercultural

sob a perspectiva crítica e emancipatória, o aluno consegue aprender e desenvolver habilidades necessárias a sua transformação como sujeito social.”

Com esta evolução, em todas as demais disciplinas o aluno começou a ter desempenho relevante para o nível que frequentava. Pode-se dizer que um trabalho pensado e organizado para todos, sem olhar apenas para os que não têm deficiência, realmente pode fazer a transformação na vida do aluno surdo e também de todos os protagonistas envolvidos neste processo de uma educação inclusiva. Diante dessa nova perspectiva educacional ao aluno Surdo, Beserra (2021) corrobora que a experiência de trocar coletivamente as necessidades e potencialidades adquiridas no processo de ensinar e aprender, todos ganham, principalmente o aluno e a sociedade, eliminando a condição de excluído e passa a ser inclusiva.

A turma do terceiro ano do ensino fundamental da escola observada, tem trazido práticas humanizadas que elevam o potencial de seus alunos de maneira integral, fazendo todos serem coadjuvantes na transformação para um ensino de qualidade, onde todos são capazes de aprender e contribuir de forma significativa na vida escolar do outro, aqui trabalhando o ser Surdo.

Ressalta-se que não foi necessário fazer um plano de atendimento educacional especializado para o aluno surdo, apenas foram colocadas na proposta adequações de metas que trouxessem para o cotidiano da sala de aula procedimentos didáticos coerentes a ele junto ao programa voltados à diversidade da turma. Para Martins e Napolitano (2017), falar de inclusão é vivenciar um espaço onde cada aluno é respeitado em seu modo de ser, desenvolver e construir sua autonomia como cidadão, fazer o aluno se sentir inserido e incluído de fato com os colegas de classe, como também apreender os conteúdos das disciplinas.

Para a professora, ela menciona durante suas aulas, que viver a inclusão deve viabilizar a construção dos conhecimentos dos alunos, considerando suas subjetividades, buscando superar as dificuldades de aprendizagem, alvejando o que Santos Silva (2016, p. 5) descreve, que a ação pedagógica “É desenvolver um indivíduo para que ele não se torne dependente, como muitos pensam, mas sim possuidor de características únicas, com uma forma diferente, mas com todas as potencialidades a se desenvolver se assim lhe permitirem mostrá-las (...)”, significa que o ensino escolar a alunos surdos deve dar as condições de ir além dos limites do seu próprio mundo e motivá-lo a se ver através de outras línguas e da cultura e assim, a importância de se sentir parte de um povo.

No caso do aluno surdo, a prática pedagógica inclusiva, ao integrá-lo e mediar o processo de apreensão dos seus conhecimentos, assume responsabilidade ética e se constitui o norteador de práticas didáticas direcionadas para o bem e para a mudança na sociedade. Este engajamento tende a subsidiar a inovação de metodologias e mediação docente, a compreender o sentido de ideais de respeito, de justiça e de solidariedade, promovendo o diálogo, compreendendo, desse modo que as dimensões ética, técnica (conhecimento), estética (apreciação das relações pedagógicas) e política (sendo à atuação no coletivo da social e ao exercer direitos e deveres) devem estar articuladas. Portanto, “cada sujeito é, então, seu próprio modelo –fluido, complexo e, por vezes, caótico: somos ouvintes, surdos, homens, mulheres, latinos, negros, brancos, homossexuais, heterossexuais, transgêneros, cisgêneros (...)” (Ribeiro & de Souza Janoario, 2019, p. 142).

Na compreensão de que o papel do pedagogo não é apenas fazer o repasse de conteúdos ao aluno, mas também na contribuição de sua formação nos mais diversos aspectos. Quadros (2017) & Santos et al. (2022), mencionam que ponderando tudo que foi exposto neste item, nos fez refletir, que os alunos surdos são recebidos na escola, contudo, a inclusão destes não ocorre de forma simples, pois necessitam de um suporte acolhedor que supra todas as suas necessidades, para não serem apenas postos nas salas de aula regular e esperar que por si só, acompanhem os demais alunos.

Para serem realmente incluídos por todos na escola, partindo primeiramente da participação da família, há necessidade do intérprete de Libras e o conhecimento prévio do professor a respeito dos caminhos que podem proporcionar a interação deste aluno no contexto escolar, visando não frustrá-lo ante o seu desenvolvimento psíquico, emocional e social, sobre o quanto a escola tem forte influência na evolução plena e saudável da pessoa humana. Para atingir amplo progresso do sujeito surdo “é

importante que os professores estejam aptos a atuar com alunos Surdos para que estes se desenvolvam em todos os seus aspectos: sociais, culturais, cognitivos e linguísticos” (Souza, 2019, S/P).

5. Conclusão

Diante do objetivo de mostrar as práticas pedagógicas do professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental utilizadas com alunos surdos no ensino regular, constatou-se que uma prática pedagógica inclusiva para estudantes surdos exige do educador e demais profissionais uma postura que viabilize garantias de direitos, além de atividades que os integrem à turma, na qual as mudanças linguísticas são necessárias, uma vez que a libras possibilita ao indivíduo surdo o alcance de saberes e valores.

Pôde-se observar, que a atuação do professor faz a diferença diante da turma, quando seu compromisso e transformação nos seus procedimentos metodológicos busca atender a todos sem fazer diferença. Mas reforça-se que não cabe apenas ao professor a responsabilidade de inclusão do aluno surdo na escola, há a necessidade de profissionais de apoio, entre eles a presença do intérprete de Libras para ajudar a ação docente nos momentos em que o mesmo não tiver domínio e não conseguir atingir o processo de aprendizagem durante as atividades.

É relevante mencionar o dever do Estado em investir mais subsídios no projeto educacional (Bilíngue), principalmente na formação de professores e de profissionais que saibam Libras, proporcionando à criança surda um espaço de interação escolar como também o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, formando um cidadão autônomo.

De acordo com os achados, constatou-se que a professora buscava dia a dia trazer para a sala de aula práticas pedagógicas que despertavam o interesse dos alunos, introduzindo recursos nas duas línguas nacionais do Brasil: a Libras e o português, ambas apresentadas com metodologias ativas e atividades lúdicas. Porém, não se pode negar a importância e a necessidade de mais momentos para formação continuada na língua natural dos Surdos. Embora tenha obtido êxito no processo de ensino e aprendizagem do aluno, houve momentos em que a professora necessitou da ajuda do intérprete ou de um instrutor que conhecesse a língua sinalizada.

É importante ressaltar: o surdo é um aluno com capacidades de aprender a aprender cotidianamente, se as barreiras que impedem seu desenvolvimento forem eliminadas nas atitudes e ações docentes diante do diferente. Onde a sensibilidade profissional traga para si a conscientização de transformar práxis que não estejam coerentes ao contexto contemporâneo, no qual todos são diferentes e aprendem de modos distintos uns dos outros.

Na execução da proposta pedagógica, o plano elaborado foi adequado de acordo com as necessidades de aprender do aluno, não precisando construir um plano de atendimento individualizado, pois o discente diante dos procedimentos metodológicos propostos, conseguia acompanhar o ritmo da classe, tendo como ponto forte os colegas que o auxiliavam sempre que precisava junto à professora. Com um acompanhamento mais próximo e com engajamento da turma o aluno obteve êxito no seu desenvolvimento escolar, conseguindo habilidades nos aspectos da leitura, escrita, matemática e tendo segurança em contribuir com argumentos e sugestões de tudo que era ensinado.

Assim, a educação bilíngue, dentro de um mesmo espaço, com a troca de experiências de culturas diferentes, ambas ricas na construção de novos saberes, promoveu na classe a percepção de que a inclusão é uma ação necessária na construção de uma sociedade aberta às diferenças, que respeite seus cidadãos como sujeitos únicos, eliminando concepções de preconceitos já enraizados de acreditar que por ter uma deficiência ou se comunicar com uso da Libras o surdo se torna incapaz, inabilitado de ter vez e voz no mundo em que vive. Com a mediação docente e dos demais profissionais da instituição educacional o aluno se sentia parte do meio.

Menciona-se que o êxito do aluno é resultado do empenho de todos: escola, professor e família. O afincado em tornar o aluno protagonista de seu conhecimento, por intermédio do professor com foco no aluno. Com a permanência de estratégias diferenciadas a cada dia, o aluno foi incluído e tratado como igual, com os mesmos direitos de aprender, desenvolver-se e interagir.

Desse modo, espera-se este estudo possa trazer reflexão sobre a importância do professor como uma das personalidades essenciais para desmitificar e criar novo significado de inclusão. Onde novas pesquisas possam mostrar o quanto a sociedade brasileira pode se modificar em termos de acolher os alunos surdos e oferecer-lhes o direito de serem cidadãos no país em que vivem, onde todos sejam contemplados no processo de ensino e aprendizagem.

Sugere que diante da realidade que se encontra o ensino regular direcionados a alunos Surdos, o sistema educacional nacional, distrital, estadual e municipais, possam rever políticas públicas que esteja coerente ao chão da escola, onde muitos alunos com deficiência precisam de mais métodos, estratégias e professores capacitados e humanizados em compreender que o aluno Surdo, possui limitações auditivas, mas esta, não lhe torna incapacitado.

Referências

- Almeida, W. G. (2015). *Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente*. Editus.
- Alves, L. F., Leão, M. F., & Agapito, F. M. (2017). Políticas públicas voltadas para a inclusão social de surdos. *Revista Destaques Acadêmicos*, 9(2).
- Brasil. (2018). *Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular*. Brasília.
- Brasil. (1996). *Leis de Diretrizes e Bases*. Lei nº 9.394. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>.
- Beserra, A. M. (2021). *O processo de inclusão do aluno surdo na educação de jovens e adultos* (Master's thesis).
- Caroline, Anne et al. (2020). *Interfaces entre políticas linguísticas e políticas educacionais: reflexões sobre a educação bilíngue para surdos*. *Educação Unisinos*, v. 24, p. 1-18.
- Hora Correia, P. C. da, & Neves, B. C. (2019). *A escuta visual: a Educação de Surdos e a utilização de recurso visual imagético na prática pedagógica*. *Revista Educação Especial*, 32, 1-19.
- Especiais, E. (1994). *Declaração de Salamanca. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades*.
- Oliveira, I. P., De Lima, B. V. G., & De Carvalho, A. (2020). *A importância do planejamento na gestão: a função do diretor escolar*. *Cadernos da Pedagogia*, 14(27).
- Santos, R.M, de Oliveira Brito; S.M, da Silva; R.E, Melo, D.S & Gomes, E.B (2021). *Desafios do ensino de Ciências para alunos surdos*. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 10 (13), e39101320757-e39101320757.
- Santos, R. M., da Silva França; V. C, de Araujo Menezes, D., dos Santos, J. R. M, Fernandes; M. A. C, da Cunha, M. D. N. V, & da Cunha, A. P. V (2022). *Realidade ou Utopia: o intérprete de libras na educação dos surdos*. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 11 (8), e42511831012-e42511831012.
- Santos Silva, L. G. (2016). *Educação inclusiva: práticas pedagógicas para uma escola sem exclusões*. Editora Paulinas.
- Fernandes, J. M. & Freitas-Reis, I. (2020). *A história da educação de surdos: uma relação com os aspectos da semiótica de Peirce*. *Revista Educação Especial em Debate*, 5(9).
- Gil, C. A. (2017). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. (6a ed.), Atlas.
- Martins, S. E. S. D. O. & Napolitano, C. J. (2017). *Inclusão, acessibilidade e permanência: direitos de estudantes surdos à educação superior* 1. *Educar em Revista*, 107-126.
- Mantoan, M. T. E. (2017). *Inclusão, diferença e deficiência: sentidos, deslocamentos, proposições*. *Inclusão Social*, 10(2).
- Mafort, M. R., Ramos, L. F., & Fernandes-Santos, C. (2019). *Podcast como estratégia de inclusão no ensino superior*.
- Menezes, A. H. N.; Duarte, F. R., Carvalho, L. O. R., & Souza, T. E. S. (2019). *Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância*. Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina-PE.
- Moreira, V. P. (2018). *Inclusão educacional de surdos uma questão social*.
- Quadros, R. M. (2017). *Língua de herança: língua brasileira de sinais*. Penso Editora.
- Ribeiro, T., & de Souza Janoario, R. (2019). *Por que ensurdecer a educação de surdos?* *Communitas*, 3(5), 137-156.
- Silva, A. D. M. (2020). *O bilinguismo na educação de surdos no município de Alagoinha-PB* (Master's thesis).
- Silva, K. S. X., & Oliveira, I. M. D. (2016). *O Trabalho do Intérprete de Libras na Escola: um estudo de caso*. *Educação & Realidade*, 41, 695-712.
- Soares, M. A. L. (2015). *A educação do surdo no Brasil*. Autores Associados (Editora Autores Associados LTDA).

Souza, E. D. J. R. (2021). *Educação de surdos*. Revista Primeira Evolução, 1(16), 49-52.

Souza, G. R. D., & Chagas, F. A. O. (2019). *Repensando a educação de surdos: reflexões sobre práticas pedagógicas*.

Tostes, R. S., & de Lacerda, C. B. F. (2020). *Surdo bilíngue: para além de um sujeito usuário de duas línguas*. Educação, 8(3), 541-553.

Vieira, C. R., & Molina, K. S. M. (2018). *Prática pedagógica na educação de surdos: o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar*. Educação e Pesquisa, 44.